

NOTÍCIAS DE



CAMPELO



B-764

ANO III N.º 27
AGOSTO DE 1964

Director e Editor
Manuel Luís

Propriedade
da Igreja Paroquial

Composição e Impressão
Gráfica de Coimbra

O alcoolismo é uma doença

Um autor americano define assim o alcoolismo: uma doença que se manifesta pelo consumo desenfreado de bebidas alcoólicas, por parte duma vítima cuja vida é assim ruinosamente afectada.

O verdadeiro alcoólico, embora não o pareça, é uma pessoa já sem forças para decidir se sim ou não, quantas vezes deve beber ou que porção de álcool pode ingerir. É portanto um verdadeiro doente, pelo menos da vontade, embora não tenha ainda qualquer outra enfermidade orgânica que a sua intemperança mais cedo ou mais tarde infalivelmente causará.

Não é só o beber que, por si, leva ao alcoolismo, mas sim muitas e variadas circunstâncias. Além da hereditariedade, que influi principalmente por predisposição e pelo mau exemplo, outros factores levam a esta doença, como são a pouca saúde, a pouca harmonia ou falta de ambiente acolhedor no lar, o ambiente em que se vive, os maus companheiros, o desequilíbrio da personalidade. Uma pessoa de bom alicerce moral, com todas as suas tendências sãmente orientadas, com uma boa formação moral enfim, não é levada a procurar a compensação das agruras da vida no prazer baixo do álcool.

O alcoolismo deve ser assim considerado um problema médico antes que um problema moral.

Pouco vale chamar ao alcoólico nomes feios, compará-lo a um porco sujo, a uma pipa velha. Ele sentir-se-á ainda mais diminuído e vingá-se bebendo ainda mais. Deixará o aconchego do lar, e o carinho dos seus, para cavaquear na taberna durante horas e horas, talvez noites inteiras, até esvaziar a carteira e encher o estômago.

O alcoólico tem contra si uma multidão de inimigos: a vontade debilitada, as exigências tirânicas da sede de álcool, desgostos, inimigos, o ambiente, frequentemente a má educação, etc., etc.

Não pretendemos absolvê-lo de todos os copos que ingeriu, mas apenas situá-lo na sua miséria. E compreendê-lo.

Uma condição básica para o êxito da empresa de recuperação é a mudança de ambiente. Com a boa vontade do doente, os auxílios da medicina, a ajuda da família é possível a cura e recuperação completa.

Encontrámos há dias um desses doentes, que foi. Tantas vezes lhe chamaram os nomes feios e injuriosos, tantas vezes se reconheceu um infeliz e até incapaz de se curar, mas um dia o médico pôe-lhe a gravidade da situação e das consequências que poderiam advir para a sua saúde, garante-lhe que se pode curar, e ele enche-se de vontade, segue as prescrições médicas, e hoje não lhe lembra mais o vinho, e tornou-se um homem de bem, útil e prestigioso para a família e para a sociedade.

(Condensado de «Hospitalidade»)

AMA A TUA TERRA NATAL

Devemos servir a Pátria e devemos amá-la com toda a capacidade afectiva da nossa clareza de alma.

O patriotismo é de facto um laço de amizade ingénita, instintiva, que leva a prender todas as raças humanas ao solo, onde vivem; mas o amor da Pátria não se considera só um amor natural: mas sim um amor santo, porque representa a personificação dum ideal de justiça e de fraternidade!

Amar a Pátria não é só amar a casinha onde nascemos; bem dizer a terra onde nos criamos. Amar a Pátria é também amar e defender, até ao sacrifício da vida, o rincão abençoado, que o sangue de Raça já regou; é venerar a memória dos antepassados; é guardar uma relíquia de abnegação e de virtude, herança de glórias dos grandes cujos nomes

estão gravados a letras de ouro na História de Portugal.

Amar a Pátria é ainda amar a Nação, com a sua língua, costumes e tradições, é amar os nossos irmãos de raça, porque só esse amor é a base da ordem, como a ordem é a base do prestígio nacional do progresso.

A bandeira nacional significa o símbolo da Pátria querida; por isso todos temos o dever de honrá-la por um acendrado sentimento de amor, pelo trabalho, pela honra, pela justiça e pelo vínculo sagrado da fraternidade humana, colaborando assim na grandeza futura do nosso Portugal adorado, que todos nós, paladinos da paz e da harmonia social, desejamos seja ininterruptamente digno das suas tradições e da sua história.

Lisboa, 18-7-1964.

JOAQUIM B. SALGUEIRO

DEUS NA CRIANÇA

Silêncio! Não vês? — Repara:
A manhã fez-se mais clara...

Silêncio! Devagarinho...
Cuidado com as pedras do caminho...

Silêncio! Não fales... Não...
Deixa-me ouvir bater o coração...

Silêncio! Todo o Universo
Está ali — dentro dum berço!

Além... Não vês que dorme uma criança?
Silêncio! É Deus que descansa.

MIGUEL TRIGUEIROS

COMO PARTICIPAR NA MISSA

1 — Chegai à igreja um pouco antes da Missa começar. Um pouco antes. Não um pouco depois, talvez — quem sabe?! — ao Ofertório.

2 — Não fiquéis ao fundo da igreja, mas ocupai os primeiros bancos, se estão livres. Só fica-

reis ao fundo, se não houver outro lugar livre.

3 — Escutai a palavra divina nas leituras da Epístola e do Evangelho, agora, sobretudo, que são feitas em português.

Escutai. Quem vos fala é Deus. Nesses momentos, fechai os vossos missais, a não ser que as condições acústicas vos impeçam de ouvir.

4 — Quando o celebrante se dirige aos fiéis (Dominus Vobiscum — Sursum corda, etc.) respondei claramente e não em surdina.

Quando o padre reza em vosso nome, juntai a vossa oração à sua, respondendo claramente: Amen.

5 — Canto. O vosso canto une-vos aos vossos irmãos e faz subir para Deus as vossas aclamações e o vosso louvor.

6 — Aproveitai os momentos de silêncio para mais vos unirdes com Deus. Esta união com Deus, nos momentos de silêncio da Missa, foi preparada pela audição da palavra de Deus na Epístola, no Evangelho e na Homília e pelos vossos cânticos. Quanto melhor tiverdes ouvido e cantado, mais fecundo será agora o silêncio.

7 — Na Missa, olhai para os gestos do celebrante, vede o que

(Continua na página 4)

BOLETIM DA FAMÍLIA PAROQUIAL DE CAMPELO

● No dia 19 de Julho foi baptizada na igreja paroquial de Campelo Maria do Céu dos Santos Abreu, filha de Luciano Abreu e de Sizaltina de Abreu dos Santos, do Vale do Vicente, tendo sido padrinho Vitalino de Abreu e madrinha a menina Emerilde de Abreu dos Santos.

● Também no dia 9 de Agosto foi baptizada Teresa Maria Campos dos Santos, filha de Américo Henriques dos Santos e de Infantina das Dores Campos, de Alge, tendo sido padrinho Júlio Marques da Costa e madrinha Ditalina dos Santos Costa.

● CASAMENTOS — No dia 6 de Julho realizou-se na igreja paroquial de Campelo o casamento do sr. Manuel Simões Júnior, filho de Joaquim Simões Júnior e de Deolinda dos Santos, do Fontão Fundeiro, com a menina Patrocínia dos Santos Carvalho, filha de António José Carvalho e de Maria do Carmo, de Bruçó.

— Também no dia 26 de Julho se realizou na igreja paroquial de Campelo o casamento do sr. Saul da Conceição dos Santos, filho de Manuel dos Santos e de Isaura da Conceição, da Coelheira, com a menina Amasilda Ladeira Silva, filha de Domingos dos Santos Silva e de Arminda dos Santos Ladeira, do Vale da Lameira, tendo sido padrinhos os srs. António Vaz Henriques e Manuel Lopes.

Os nossos sinceros parabéns.

● No dia 10 de Agosto faleceu na Ribeira Velha a sr.^a Arminda dos Santos, de 72 anos de idade, casada com o sr. Manuel Alves Benjamim e filha de João Simões e de Maria dos Santos.

O seu funeral foi muito concorrido e constituiu uma verdadeira manifestação de pesar.

Os sentidos pêsames à sua família.

● O sr. José Lourenço Pereira, muito considerado e importante comerciante em Lisboa, entregou-nos 30\$00 para os pobres.

● No dia 29 de Julho, no lugar das Eiras, caiu uma fâsca que causou graves prejuízos em móveis de uma casa habitada.

● Têm passado mal de saúde os srs. João Tavares, de Alge, António Correia, de Campelo, José Simões Seguro, do Vaz Pinheiro, Rafael Francisco, do Poço Negro, e a sr.^a Maria da Conceição Costa, de Vilas de Pedro.

● No dia 28 de Julho, na ladeira de Vilas de Pedro, sofreu um grave desastre de bicicleta o sr. Amaro Mendes, dos Moínhos da Ribeira.

● Concluiu o 6.º ano do Liceu o brioso estudante João Afonso da Conceição Lopes, de Alge. As nossas maiores felicitações.

● No dia 19 de Julho o sr. Joaquim Pais, «O Gato», pescou com autorização superior, na Ribeira de Alge, junto de Campelo, uma truta com o comprimento de 60 centímetros e com o peso de 2 k,450. Este raro exemplar, que foi muito admirado, foi vendido em hasta pública por 125\$00, que reverteram a favor do nosso Hospital.

● Consta-nos que a nossa Câmara vai mandar alargar a estrada que fica junto do novo fontanário de Campelo. Regozijamo-nos com isso porquanto o melhoramento é de urgente e imperiosa necessidade em virtude do muito trânsito na dita estrada que é de reduzida largura.

● No dia 30 de Agosto realizar-se-á em Peralcovo a festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, que será abrilhantada por uma potente aparelhagem sonora. Tudo se prepara para que ela seja revestida de muito brilho. Do adro da capela, situada no sopé do majestoso «Pináculo» divisa-se um grandioso e deslumbrante panorama que enleva e encanta. As suas águas puras e cristalinas, umas das melhores da região, a sua paisagem tão cheia de beleza, as suas encostas revestidas de verdura, as suas árvores tão frondosas e acolhedoras, enfim os seus terrenos de cultura tão matizados de variegadas cores, fazem de Peralcovo uma aldeia tipicamente admirável.

● Tivemos o prazer de cumprimentar em Campelo o sr. Aníbal Silveira Herdade, nosso particular amigo e muito digno Vice-Presidente da nossa Câmara, e o sr. Manuel António dos Santos, ilustre Director de Finanças de Beja.

● Concluiu com distinção o curso do Liceu e vai frequentar o 1.º ano da Faculdade de Direito de Lisboa a menina Leonor Pereira Martinho, filha do sr. Teófilo de Jesus Martinho, nosso dedicado assinante e amigo, muito considerado comerciante em Lisboa, a quem muito reconhecidamente agradecemos o precioso livro da vida do Santo Padre Paulo VI.

● Está projectado para breve o casamento do sr. Joaquim Ferreira da Silva, do Bitouro Redondo, com a menina Maria Aurea da Conceição, da Silveira.

● VISITAS — Tivemos o prazer de cumprimentar nesta freguesia os nossos dedicados amigos srs. Júlio Ferreira Lourenço, Manuel Maria, Victor dos Santos Vaz, esposa e filha, José Lourenço Pereira, esposa e filho e sobrinha, Carlos Antunes Fernandes, Camilo Rodrigues dos Santos e

esposa, Manuel Nunes Martins, esposa e filhinhos, Jaime Rodrigues Rosa, D. Laura da Piedade Nunes, Joaquim Alves Varandas e esposa, José Cândido Loja, esposa e filhos, António Abrantes e esposa, D. Maria Adelina Varandas, Aurélio Figueiredo Loja, esposa e filho, Joaquim Henriques Varandas, esposa e filhos, João Ferreira Lourenço, Laurentino Pereira Marques, Manuel da Conceição Henriques, Mário Marques Varandas, esposa e filhos, José Ferreira, esposa e filho, Luciano Antunes Carvalho, esposa e filho, José da Conceição Rodrigues, Manuel Varandas dos Santos, esposa e filhos, Maviel Pereira dos Santos, Victor Rosa dos Santos, Manuel Henriques Marques, esposa e filhos, Firmino Abel dos Santos Nunes, esposa e filha, Jaime Francisco Lourenço, esposa e filha, Teófilo de Jesus Marto, Aníbal Rodrigues Antunes, esposa, filho e sobrinha, Joaquim Carvalho Lourenço e esposa, Manuel Simões Branco e esposa, D. Felismina dos Reis Carvalho Antunes e filhos, Américo Henriques dos Santos, esposa e filha, Mário Simões Pereira, esposa e gentil filha, Álvaro Carvalho dos Santos, esposa e filho, Alfredo dos Santos Carvalho, esposa e filha, Manuel Lourenço Júnior e esposa, Alvaro Maria Marques e esposa, Celestino Francisco Lourenço e filha, D. Gracinda Nunes Martins e filho, Oscar de Jesus Covas, Manuel Alves Diniz Garola, Manuel Maria dos Santos, esposa e filha, Armando Ferreira Lourenço, Alfredo Domingos, D. Cesaltina de Jesus Antunes e filho, António Carvalho Rosinha e esposa, todos de Lisboa; Padre Fernando Rodrigues Ribeiro e seus pais, de Vila Nova do Ceira; Américo Simões, esposa e filhos, José Rodrigues Júnior e esposa, da Lousã; Manuel Rodrigues dos Santos, de Tomar; Manuel Gomes Branquinho, esposas e filhos, de Pero Pinheiro; Jorge Lourenço Rodrigues, esposa e filha, da Sertã; David dos Santos Rodrigues e esposa, dos Covais; professor José Lucas Simões Pedro, esposa e filhos, Albino Simões Arinto, da Sertã; Marcolino da Silva Ladeira, de Figueiró dos Vinhos; José da Costa Silva, esposa e filha, da Amadora; José Marques Álvaro, esposa e filho, de Almada; D. Emília Maria Alves Simões, da Amadora; Manuel Lourenço dos Santos e filho, de Campo Maior; Artur da Assunção Pereira Martins, esposa e filhos, da Amadora; Joaquim Neves de Almeida, esposa e filha, de Almada; Sesinando da Conceição Loja, esposa e filha, da Figueiró dos Vinhos; D. Maria Delfina Nunes dos Santos, de Odivelas; Fernando Antunes, dos Carvalhinhos; Américo da Silva Quaresma, esposa e filha, da Figueira da Foz; Manuel dos Reis

Rosa e esposa, de Alferrarede; António Simões, esposa e filho, de Figueiró dos Vinhos; Eduardo Carvalho Rosinho, de Lisboa; Aurelindo Neto Lopes, esposa e filho, de Coimbra.

● Realizou-se na Basílica da Estrela de Lisboa o casamento do sr. Eduardo da Piedade Lourenço, distinto oficial da Marinha Mercante, filho do sr. Manuel Lourenço Júnior e da sr.^a D. Cidalina da Piedade Lourenço, das Searas, com a menina Maria Suzete Henriques Bártolo, filha do sr. Jaime Francisco Bártolo e da sr.^a D. Alice da Conceição Henriques Bártolo. Foram padrinhos da noiva o sr. Alfredo Lourenço e esposa e do noivo o sr. Eduardo Lourenço e esposa.

Depois da cerimónia religiosa que foi presidida pelo Rev.^{mo} sr. Dr. Manuel Alves Lourenço, ilustre professor no Seminário dos Olivais e primo da noiva, foi servido um opíparo «copo de água» no Restaurante de Montes Claros, terminado o qual saíram os noivos em viagem de núpcias para o Minho.

Desejamos aos noivos as maiores prosperidades e bênçãos de Deus e apresentamos-lhes os nossos sinceros parabéns.

E Esta?!

Quem foi o revolucionário português que mais conviveu com Santos durante a sua estadia em Portugal?

Foi Henrique Galvão!

Porquê?

Porque nasceu em Santa Isabel, foi baptizado na freguesia de Santa Catarina, e morou no Campo de Santana.

Foi julgado no tribunal de Santa Clara pelo juiz Santiago.

Esteve internado em Santa Maria donde fugiu no dia de Todos-os-Santos.

Foi dono do paquete Santa Maria, ao qual deu o nome de Santa Liberdade; passou pela ilha de Santa Cruz.

Fixou residência em S. Paulo — E tudo isto por causa dum Santo António que mora em S. Bento, e é natural de Santa Comba Dão, e passa o verão em S. João do Estoril, no forte de Santo António.

(Do «Arauto»)

Quadra

Portugal é maneirinho,
Mal enche a palma da mão,
E cabe todo inteirinho
Dentro do meu coração.

P. de Figueiredo

AMIGOS DO «NOTÍCIAS»

Juvenal Nunes, do Pé de Janeiro, 10\$00; Agostinho Simões, da Angola, 10\$00; o sr. José Francisco dos Santos, muito considerado comerciante em Campelo, entregou 15\$00 da assinatura do seu cunhado, sr. Manuel da Piedade Martins, de Lisboa; Carlos Rodrigues Antunes, de Lisboa, 20\$00; José Lourenço Pereira, de Lisboa, 20\$00; professora de Alge, 20\$00; Abílio Lopes, de Alge, 10\$00; Ramiro Rodrigues Rosa, do Espinhal, 10\$00; Rafael dos Santos Godinho, de Lisboa, 10\$00; José Francisco, da Ribeira Velha, 10\$00; António da Costa Simões, de São Paulo, 50\$; Manuel Nunes Martins, de Lisboa, 20\$00; Artur Simões Seguro, de Lisboa, 15\$00; D. Emília Maria Alves Simões, da Amadora, 15\$00; Victor Manuel de Abreu Marques, de Almada, 20\$; José da Conceição Rodrigues, de Lisboa, 20\$00; Ludovina do Carmo Neves, de Vilas de Pedro, 10\$00; António Abrantes, de Alagés, 10\$00; António Henriques de Abreu, de Alagés, 10\$00; Albino Simões Arinto, da Sertã, 10\$00; Joaquim Pereira Varandas, de Alge, 10\$00; D. Gracinda Nunes Martins, de Lisboa, 20\$00; Álvaro Pereira Mendes, de Alge, 10\$00; André dos Santos, de Lisboa, 25\$00; Joaquim Henriques Varandas, de Lisboa, 20\$00; Manuel dos Reis Rosa, de Alferrarede, 20\$00; Manuel Maria dos Santos, de Lisboa, 40\$00; Álvaro Carvalho dos Santos, de Lisboa, 10\$00; Rui Fernando Jorge de Oliveira, de Lisboa, 10\$00; Camilo Rodrigues dos Santos, de Lisboa, 10\$; Victor Rosa dos Santos, de Lisboa, 10\$00; Manuel Henriques Marques, de Lisboa, 10\$00; Mário Rodrigues Marques, de Lisboa, 10\$00; Guilherme Rodrigues Marques, de Lisboa, 10\$00; Jorge Lourenço Rodrigues, da Sertã, 20\$00; José Rodrigues Júnior, da Lousã, 10\$00; António Dinis, do Singral, 10\$00; Jaime Francisco Lourenço, de Lisboa, 20\$00; Paulo dos Santos Vaz, do Pé de Janeiro, 20\$00; Manuel Lourenço Júnior, de Lisboa, 20\$00; Celestino Francisco Lourenço, de Lisboa, 20\$00; Manuel Alves Diniz Garola, de Lisboa, 10\$00; Américo Simões, da Lousã, 20\$00; Armindo Martins Nunes, de Luan-da, 50\$00; Aníbal Rodrigues Antunes, de Lisboa, 20\$00; Manuel Alves Leal, de Coimbra, 20\$00; António Marques, de Lisboa, 10\$; Artur da Assunção Pereira Martins, da Amadora, 20\$00; Manuel Pereira Mendes, de Lisboa, 15\$; José Antunes Neto, de Ferreira do Alentejo, 20\$00; Abílio Simões Pereira, de Londrina (Brasil), 20\$00.

Para todos a expressão do nosso grande reconhecimento.

Subiu-lhe o dinheiro à cabeça e agora envergonha-se dos pais

Os pais são pobres. Vivem numa aldeiazinha cujo nome nunca vem nas gazetas. Numa aldeiazinha de costumes medievais onde o nascer e o morrer não fazem barulho.

Os senhores queriam talvez saber o nome desta aldeia. Não. Não vale a pena. É preciso evitar motivos de especulação.

A rapariga desde pequenina que começou a dar indícios de voluntariosa. E não se ajeitava bem com o rotineirismo duro, inglório do mato e da lenha.

— Hei-de ir para Lisboa, aí isso hei-de — repetia ela aos pais, batendo com as mãos na velha mesa.

— Ai isso não vais!

— Ai isso é que vou!

Ninguém a susteve. A mãe tanto ouviu, tanto ouviu, que um dia disse ao marido, vencida: — Deixá-la ir! Talvez seja a sorte dela!

Não sabemos é como a Alice (assim se chama a serrana aventureira) foi parar depois a Lourenço Marques. Talvez levada pelos patrões.

A Alice era moça de traços finos e de olhos muito negros e muito vivos. E sensata moça. Ninguém a viu de cabeça levantada a dar trela a magalas. E inteligente. Estudando por ela e com umas explicações de vizinha amiga, fez com boas notas o segundo ano do liceu. Dava nas vistas.

Encontrou no seu caminho um rapaz de qualidades morais apreciáveis e de largos haveres que lhe pediu namoro. Do namoro veio o casamento. Um casamento fino. Ela parecia uma princesa. Vestida de cauda enorme, damas de honor, passadeiras na igreja, órgão a tocar, sacristães a mostrarem-se aos padrinhos por via da gorjeta.

Ao fim de um ano nasceu uma filhinha. Júbilo na família. O casal quis baptizar a menina numa igreja da Metrópole. Tomou o avião e veio. Festa espaventosa.

E aqui é que o gato foi às filhós. A rapariga convidou uns e outros, todos novos ricos de grandes automóveis.

Mas esqueceu-se, mas envergonhou-se da família do seu lado. Até dos pais. Não os convidou para o baptizado. Não escolheu para padrinho ou madrinha nenhuma pessoa da sua banda. Só da outra, do lado do dinheiro, do negócio. Os pais tiveram que se contentar a ver as fotografias que ela enviou.

Os pais continuam na aldeiazinha de costumes medievais, privados de qualquer conforto. No inverno pasam frio por não terem lenha para a fogueira. Dei-

tam-se ao lusco-fusco por não haver na almotolia azeite que chegue para botar na candeia. Os pais suspiram pela filha e pela filha da sua filha, mas não lhes põem os olhos em cima, que ela não aparece. Alega desculpas.

Os pais sentem a agrura do desprezo e comentam para as pessoas mais íntimas: — Para que é que uma pessoa deita filhos ao mundo... para quê...

Hemos de ver se nos encontramos com a Alice, que conhecemos perfeitamente dos seus tempos de descalça e vestiditos de chita rota.

Queremos dizer-lhe: — Alice, não desprezes, não te envergonhes nunca daqueles que te deram o ser e são ainda hoje os teus maiores amigos.

Alice, lembra-te das palavras de Santo Agostinho: — «Meu Deus, quando eu desprezava a

mãe que me destes, desprezava-vos também a vós».

Alice, põe diante do teu coração esta verdade, enunciada por um alto espírito!... Quantos sofrimentos não suportou vossa mãe por vós!... Quantas insónias, quantas privações, quantas angústias quando estáveis em perigo! Quantas dificuldades, quantos trabalhos não sofreu vosso pai para vos governar!

E se vossos pais sofreram tanto por vós, como podereis esquecê-los, ter vergonha deles, ser ingratos para com eles?!...

Salomão, que era Salomão, em presença de sua mãe que era mãe de xale e lenço, pobrezinha e humilde, de baixo nascimento, levantou-se do trono, saudou-a com afecto e fê-la sentar à sua direita.

Cremos que a Alice, agora capaz de avaliar o amor de mãe, mudará de ideias. Se assim não for, lá se vão por água abaixo todas as suas virtudes.

(Da «Comarca de Arganil»)

Enquanto certa gente mata os filhos, eis a dedicação duma mãe...

O caso passou-se no lugar de Coura, freguesia de Moledo, Vi-seu, e a protagonista é uma cadela rafeira a «Boneca», pertencente a César Pontes, um proprietário local. Certa ocasião, entrou no alpendre da casa, sem se fazer anunciar, um moleiro da Ponte dos Morenos, freguesia de Lustosa, e o animal, não o conhecendo, atirou-se a ele, às dentadas. Gostou da atitude o moleiro e tanto que instou com os donos da «Boneca» que lhe dessem, pois de guarda assim é que ele precisava. Embora de contra vontade, acedeu o sr. César Pontes, mas foi aconselhado:

«Como vê, a cadela está grávida e não tardará a dar à luz. Conserve-a o meu amigo presa até nascerem os cachorros, que nessa altura o amor maternal superará a dedicação que o bicho me tem e à minha mulher e já não fugirá».

Assim fez o moleiro e, passados oito dias, nasceram três cachorros. Presa até então, a cadela foi nessa altura solta, e aquietou-se a amamentar os filhos.

Ao cair da noite, porém, a cadela, ainda com vestígios de parto, apareceu estafada em casa dos antigos donos, 15 quilómetros distante da casa do moleiro. Deram-lhe de comer, trataram-na e foram todos dormir.

Qual não foi, porém, o espanto, quando no dia seguinte encontraram a cadela protegendo com o corpo os seus três cachorrinhos.

Três vezes durante a noite, por montes e vales, porque mais de um filho não podia transportar, a «Boneca» foi e veio de sua casa ao moinho, somando na ida e volta, 90 quilómetros, numa demonstração não só de afecto aos donos, como de amor maternal.

(Da «Voz de Penela»)

O «Notícias de Campelo»

Este boletim paroquial surgiu despretenciosamente, pela primeira vez, em Abril de 1962. Tem seguido o seu rumo sem desânimos, porque tem encontrado através da sua vida muitas almas boas, generosas e compreensivas.

Está decidido a continuar a sua missão, mas confia na generosidade e boa vontade dos seus numerosos assinantes e na ajuda dos seus colaboradores.

A impressão e o papel começaram a custar 456\$00 mensais e os selos e expedição custam 100\$00.

O «Notícias» está, pois, a fazer uma despesa de cerca de 600\$00 mensais.

Receita do «Notícias»

até Julho de 1964 11.764\$30

Despesa do «Notícias»

até Julho de 1964 ... 10.892\$20

Saldo 872\$10

O Director



— Amílcar, já reparaste que não tens as duas pernas direitas?

— Olha que novidade! Já se sabe que não — Tenho uma direita e outra esquerda!

★

— Quem é? — O sr., quem é?

— Eu sou checoslovitelo.

— O quê?

— É que a minha mãe é checoslovaca.

★

No tribunal:

O réu é acusado de ter roubado cinco melões dum cesto que um homem levava às costas.

— Foi para o aliviar que eu roubei, sr. juiz. O pesa era demais para as forças dele.

★

Estudante — Reflexão invejosa dum estudante ao contemplar um rio:

— Tu é que és feliz! Segues o teu curso, sem abandonares o leito!...

★

Na estação — Um aldeão chega à estação e pede um bilhete.

— Para onde vai? pergunta o empregado.

— Que tem você com isso? Dê cá o bilhete e não se meta na vida alheia!...

★

Na aula da instrução primária:

— Pedro, supunhamos que dás 10 nozes a teu irmão e que lhe tiras logo 6. Que sucede?

— Põe-se a berrar com o um cabrito, sr. Mestre.

★

Na escola:

Professor: — Uma dúzia de laranjas, duas dúzias de pêssegos e três cerejas, que resultado dá-rão?

Aluno: — Uma forte dor de barriga!

★

No barbeiro:

— A esta navalha só lhe falta falar...

— Obrigado, diz o barbeiro antegozando um elogio.

— Mas porque é que só lhe falta falar?

— É que dentes já ela tem!

ADIVINHA

Mais de trinta pedrãs brancas
Me têm aprisionada;

Quer chova, quer faça sol,
Dia e noite estou molhada.

★

Solução da adivinha anterior: 4.

A mulher não soube ser mãe e agora vende as arrecadas para pagar, sem resultado, consultas a advogados

A mulherzinha é do concelho de Seia e vive no da Covilhã, à vista do de Arganil. Certamente haverá quem desejasse que pusessemos tudo em pratos limpos: nome da mulher, nome da terra onde vive, etc.

Isso, porém, não interessa para o caso. O que interessa é sabermos que esta mulher do campo e serra anda aí num badanal de lado para lado, expondo a todos as suas razões e as suas mágoas. As suas mágoas são estas: a filha, solteira e menor, vai ser mãe. Rapaz acusado: um tal Vivas que rastejou pelos matos para se escapar para a França, e lá está, algures, sem vontade nenhuma de aparecer por cá tão depressa. Agora meu amigo, nada a fazer. A mulherzinha já vendeu as arrecadas para pagar aos dois advogados que consultou nas duas vilas. E barafusta:

— Então não há-de haver uma lei que obrigue aquele malandro a voltar para Portugal? A pagar o que deve à minha filha?!... Não há-de haver?!... Faz-se assim pouco de uma pessoa?!...

Agora aqui é que vamos entrar em pormenores necessários à história deste caso.

Os senhores não sabem de que jaez é esta mulher que chora a desgraça da filha.

Nós explicamos, ao de leve. Esta mulher é uma ambiciosa. Quando o tal rapaz, que é morgado e herdará uns bocados de certo valor, começou a andar de volta da adolescência precoce e fresca da rapariga, esta mulher era vista na rua toda babadinha. Ela é que lhe metia a filha, ao tal morgado, pelos olhos dentro. Pedia dinheiro para comprar luxos para a filha. Iscas, a ver se o peixe pegava. Levava-a a todos os bailes e deixava-a ao Deus-dará para que o rapaz não sentisse entraves às abusivas familiaridades. Sorria-lhe. Chamava-o para casa: «Vai até lá, que temos lá os torresmitos...». Sentia-se vaidosa com o facto de o morgado ligar à sua pequena e não às outras do lugar. Mais. Deixava ir a filha para a televisão do clube, todas as tardes, donde vinha a que horas, noite adiante. O povo comentava: — Ou a gente se engana ou aquilo há-de dar mau resultado...

E deu... Há coisa de duas semanas começou a queixar-se, a queixar-se. Foi ao médico. Este atirou para a luz do dia com a cruel realidade: a moça andava grávida de três meses...

A mulherzinha a quem a moça chama mãe (sê-lo-á, de facto, na verdadeira acepção da palavra?), começou então a barafustar: —

aquele malandro desgraçou a minha menina e fugiu... Mas eu lhe darei o arroz... Amanhã já vou à vila consultar o advogado...

Soube-se agora que o rapaz tratou dos papéis e casou em França há poucos dias, com uma francesa, com uma portuguesa, não importa. Casou. Fez mal? Fez, sem dúvida. Fez mal. E a mulherzinha que lhe andou a meter a filha pelos olhos dentro? E a mulherzinha que caiu na esparrela da criminoso ambição, não se importando com o rapazola e a filha piassem o risco da moral desde que se assegurasse o casamento? E a mulherzinha que expôs a filha aos perigos da solidão nocturna? Que nome merece? Com que cara anda agora a pedir justiça aos advogados?

Não absolvemos o rapaz. Nem a mulherzinha que não soube ser mãe. Que não soube, que não quis vigiar a sua filha, mostrando que até desejava a desonra para assegurar, à face da lei, o casamento.

Estes casos repetem-se com alarmante frequência.

Mães, cuidado, muito cuidado! Defendei a honra de vossas filhas. Depois, não valerá a pena torcer a orelha. Será tarde.

(Da «Comarca de Arganil»)

O burro da minha avó

Quando eu era criancita,
Inocente a meter dó,
Muito gostava, na aldeia,
Do burro da minha avó!

Entro um dia na cocheira
De propósito, lá só
P'ra fazer uma festinha
Ao burro da minha avó.

Ele olhou-me de soslaio
Sem perceber, o «pató»
Quanto eu queria, afinal,
Ao burro da minha avó!

E apanhando-me a jeito,
Sem piedade nem dó,
Tive de aparar dois coices
Do burro da minha avó.

Mas, nisto, chega o meu primo,
O endiabrado Mitó,
E prega dois pontapés
No burro da minha avó.

E prendeu-se-me a garganta
Como se tivesse um nó
Quando vi ficar mansinho
O burro da minha avó.

E depois p'la vida adiante
Encontrei gente que só
Parecia fazer lembrar
O burro da minha avó.

M. F. R.

Uma carta

Resido há tempo em Lisboa onde trabalho e luto com honra pela vida. Não posso, porém, esquecer a minha aldeia natal — Fonte da Corte (Campelo) — onde passei uma infância alegre e despreocupada e onde aprendi a balbuciar as primeiras palavras e a ensaiar os primeiros passos. É uma povoação pequenina mas cheia de beleza e encantos, matizada de flores que perfumam o ar e enlevam a alma. A seus pés desliza o ribeiro cantante em cujos salgueiros chilreiam as avezinhas entoando hinos de louvor ao Criador.

Como eu tenho saudades desse meu torrão natal! Este pedaço de terra é o enlevo da minha alma afectiva.

O nosso imortal Castilho esboçou com fidelidade o quadro da aldeia, dizendo graciosamente:

Como tudo está contente!
Como é belo tudo aqui!
O ar é doce, o céu de leite!
A natureza se ri!

Henrique Barata Salgueiro

Como participar na Missa

(Continuado da 1.ª página)

faz o padre: volta-se para vos saudar; inclina-se profundamente diante da majestade de Deus; ora com as mãos juntas; ora com os braços abertos como os primeiros cristãos; faz várias vezes o sinal da cruz; levanta os olhos ao céu como fez Jesus e, como Ele, pronuncia as palavras da Consagração; levanta a hóstia e depois o cálice; bate no peito, etc.

8 — As vossas atitudes. De pé, sentados ou de joelhos, a vossa atitude é sempre de oração. Há uma oração do corpo que ajuda a alma a orar melhor. Uma assembleia cristã reza tanto melhor, quanto melhor souber ter uma atitude comum, nos momentos importantes da Missa.

9 — Comungai. A participação dos fiéis na Missa faz-se principalmente pela Comunhão. Para bem comungar: estado de graça; conhecimento de Jesus, fé na Sua presença real na Eucaristia; devoção e recta intenção de agradecer a Deus.

10 — Pensai nos outros. Na Missa estais reunidos com os vossos irmãos. Muitos não estão presentes: rezai por eles. Há no mundo grande miséria material e moral: rezai pelos que sofrem. Finalmente aprendei, junto do Senhor, a viver em caridade. Aprendei a amar os vossos irmãos na vida de cada dia. Será este o mais belo fruto da vossa Missa.

(Do «Eco de Fátima»)